

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

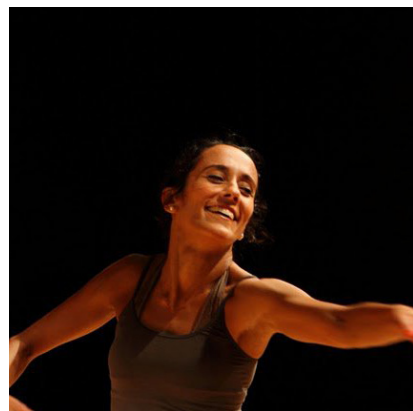
PPGAC/UNIRIO

A QUEDA POR-VIR

Maria Alice Poppe e Charles Feitosa

Maria Alice Poppe | Doutorado
Linha de Pesquisa | PCI
Orientador | Prof Dr Charles Feitosa

Bailarina e colaboradora em processos de criação em dança. Graduada em Licenciatura em Dança pela Faculdade Angel Vianna, mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) com estágio doutoral no exterior pela Coventry University (Bolsista Capes/PDSE). Atualmente é Professor Assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Dança atuando principalmente sobre os seguintes temas: Dança Contemporânea, Artes Visuais, Educação Somática e Processos de Criação.



A QUEDA POR-VIR

Maria Alice Poppe e Charles Feitosa
Prof Dr Charles Feitosa | Orientador

A queda, assim como o salto, transportam o corpo à sensação de abismo, vazio, fora, vertigem portanto, de falta de conexão à materialidade. Na sua forma mais leve a queda produz um efeito cômico, é o ridículo do vivente. Na sua forma mais radical, a sensação de perda de contato com a realidade que provém do vazio da queda é proporcional ao medo da morte. Talvez, por isso queda e morte estejam naturalmente associadas. Queda dirige-se à ruína, é sempre associada ao mal, à decadência e ao desprestígio, o que a torna sempre motivo de repulsa. Ninguém quer cair, ninguém escolhe cair, a queda chega sempre de forma inesperada, como punição do destino. A surpresa da queda cria laços com a escuridão, não se prevê a queda, além do que, quem cai não vê a própria queda. Na perspectiva religiosa ou política, a queda é demonizada e está, portanto, associada à perda do poder, contribuindo com o que já concerne a cultura ocidental: cair é perder.

Ao furtar-se de seu sentido literal por perspectivas externas ao mundo da dança, a queda aqui se dá na acepção de outros sensores e sentidos que possam ser por ela irradiados. Como forma de investigar processos de desapropriação do movimento a partir de noções como o peso, a gravidade e a queda, sob a ótica da dança contemporânea na interface com a filosofia, a queda não se refere ao ato de cair, pensado em seu aspecto físico-gravitacional mas, sobretudo, ao que cai, ao que pode cair sobre nós isento de cálculo ou determinação. São muitas as analogias possíveis ao movimento da queda que, com seu precipitar imponderável na direção da força gravitacional, acende a verticalidade como linha de indeterminação. Supõe, também, a queda como desejo pelo que não se sabe na busca pelo que é alheio à apropriação do gesto dançado ou, pela desestabilização das formas ideais e modelo verossimilhante da bailarina de frente para o espelho – uma espécie de elogio ao desequilíbrio.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

Trata-se da queda como ação não prevista, tal como a noção de acontecimento no pensamento da desconstrução em Jacques Derrida e, principalmente, como impossibilidade de grafar o gesto enquanto tal. Em *Pensar em não ver* o filósofo relaciona o acontecimento ao ato do desenhista afirmando que o acontecimento vem de cima, de onde os olhos não alcançam, como irrupção do que não se pode prever. O pensamento de desconstrução de Derrida auxilia na formulação de um pensamento caro aos dançarinos contemporâneos a respeito da construção do gesto dançado.

A queda iminente surge como reflexão da queda exposta em prismas oriundos da filosofia, religião e literatura na formulação por aspectos positivos ao sentido próprio do cair que, por seu caráter acidental e destruidor, sucita a idealização de perda de poder e ruína. Como alçar voo do peso histórico da queda e como tratá-la sob novas óticas e proposições?

Desconstrução, para Derrida, de modo algum faz alusão à processamentos de destruição. Pelo contrário, a desconstrução pressupõe afirmar a reunião, estar junto. O que seria, de fato, um processo de desconstrução na dança? Quais seriam os mecanismos possíveis de se pensar o gesto na dança contemporânea para além dos princípios desenvolvidos nas técnicas codificadas de dança? Para dialogar com essas questões reporto-me ao pensamento de Derrida acerca da arquitetura desconstrutivista. Seria a queda, força imprevisível diretamente relacionada à constante ação da gravidade, isenta de iniciativa e planejamento? Pressupondo a dança como uma arquitetura em movimento, essa reflexão busca associar tal força à condição da arquitetura desconstrutivista de Derrida que, segundo o filósofo, não concerne à ideia de presença e ausência, tampouco de vazio. Para Derrida, a desconstrução compreende mais que um lugar, existente, um "vem" (*viens*); - uma afirmação que escapa inteiramente ao espaço da certeza. Contudo, a desconstrução reúne, afirma, constrói sem se fixar, prever, identificar ou objetificar. Segundo Derrida, a ética da desconstrução reside na impossibilidade de alcançar a coisa em si, não se trata do lugar, da presença ou da ausência, mas do atravessamento, chamado ou rastro, que, diferentemente do lugar da determinação e da certeza, lançam para fora da coisa mesma. Não tanto a dialética presença e ausência, mas o deslocamento que aponta traçados ainda por vir no espaço

arquitetônico. Trata-se de um pensamento do indecível que indica a impossibilidade de síntese dialética, fazendo escapar ao binarismo de onde estariam inseridos polos opostos como presença e ausência.

Assim, apoiado no pensamento de Derrida, o movimento assume forma por sua desconstrução, a partir das seguintes premissas: - Que a construção do gesto dançado origina-se de sua desconstrução e vice-versa; - Que o dançarino partilha de modos gerenciados na perspectiva de pensamentos oriundos da dança contemporânea, cujo modelo é inexistente; - Que técnica e criação organizam-se simultaneamente, sem hierarquia. Podemos questionar com quais bases fundamos nossas proposições e, também, nosso corpo. Trata-se de fortalecer o que de mais frágil pode haver na busca pelo objeto da dança, o que deflagra o processo de invenção do gesto: "mais a procura do que a coisa que a procura procura" (ROCHA, POPPE, 2014). O gesto procurado, ou a coisa procurada, torna-se pretexto para o processo de busca que, necessariamente, não é capaz de prever seus trajetos. O que funda o corpo que dança? A técnica adquirida ou a busca de uma técnica? Com que princípios os corpos são estruturados na perspectiva da dança contemporânea?

A construção de um corpo que cai sem temer o peso da queda deflagra modos processuais que prescindem do código estabelecido e formalizado pela técnica clássica. Para tanto, o dançarino necessita de uma formação que articule tais processos corporais e criativos que, por definição, contrapõem-se aos processos utilizados na formação do balé. Se por um lado o bailarino clássico imita o movimento do professor no sentido de reproduzi-lo como tal, tendo em mente o modelo e a forma perfeita a seguir, por outro, o dançarino contemporâneo cria, constroi e delimita parâmetros para o movimento partindo do pressuposto de que o movimento em si não é questão mas, sobretudo, o processo de sua (des)construção, que escapa a uma lógica tradicional de dança com todas as suas implicações físicas e sensíveis.

REFERÊNCIAS:

DERRIDA, Jacques. **A Letter to Peter Eisenman**. Assemblage, n.12 (Ago. 1990), p. 7-13. Paris, 1990.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Les Artes de L'espace** - Ecrits et interventions sur l'architecture. Editions de La Différence, 2015.

DERRIDA, Jacques; EISENMAN, Peter. **Chora L Works**: Jacques Derrida and Peter Eisenman. The Monacelli Press, 1997.

POPPE, Maria Alice. ROCHA, Thereza. **Máquina de Dançar**. Programa da Quase-Instalação de Dança, Teatro Municipal Sérgio Porto, 2014.